

RELEITURA

Um ré grave e uma echarpe de flores coloridas

ANA CLÁUDIA MUNARI*

CAMILA DOMINGUES / CP MEMÓRIA

No filme “Me Chame pelo Seu Nome” há uma cena em que os protagonistas conversam em torno de um monumento histórico de uma cidadezinha italiana, que surge quase vazia, silenciosa e em tons predominantemente ferrosos. Em certo instante da cena uma senhora com roupas coloridas atravessa a rua, alheia a eles, e há uma mudança na trilha sonora. As cores, os sons, os silêncios, o movimento dos personagens na cena, tudo é parte de uma orquestração pensada para que o espectador usufrua do seu conjunto: a história. Os leitores não participam da escolha do figurino, nem veem quando o diretor ordena que a figurante entre em cena no exato átimo ou quando o diretor de fotografia amplia o enquadramento e capta outro plano e outra luminosidade, nem assistem à escolha da trilha sonora no pós-produção.

É possível que minha percepção desse filme seja diferente de outros espectadores e até que eu tenha sido enganada pela memória da minha experiência, mas o que importa aqui é que grandes obras são sempre pensadas em cada mínimo detalhe para que justamente eles nem sejam percebidos. No entanto, muitas vezes, em determinados momentos há silêncios, vazios, contradições, quebras, escolhas que nos deslocam para pensarmos justamente no fato de que aquilo a que assistimos, que lemos ou ouvimos, é uma construção. E é assim que, de certa forma, a suspensão da descrença dá lugar à consciência sobre o artístico. Gosto muito dessa opacidade.

É por isso que releio as 345 páginas de “O Inverno e Depois”, romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, como quem escuta atento a uma sinfonia. Depois de viver a narrativa, dia a dia, às vezes hora a hora, fazendo o percurso entre São Paulo e uma estância na fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai ao lado do protagonista, é hora de gozar o desvelamento. Já sei o destino de Julius – embora o que lhe tenha acontecido é muito uma escolha minha, pois eis que a obra me permite decidir se ele atenderá ou não a certa “liberdade”. É assim que, se eu fechar os olhos, posso voltar àquela estância – no início do percurso, recebi Julius



‘... releio...’ “O Inverno e Depois”, romance de Luiz Antonio de Assis Brasil

no aeroporto Salgado Filho – ou embarcar para São Paulo e então saberei exatamente o que fazem, agora, Julius e Constanza. Talvez estejamos todos em Würzburg, cena de que eu me torno diretora.

Esse segundo deslumbramento me permite ir e vir no romance, saltar trechos, reler várias vezes os sons de uma sentença, ler parágrafos em voz alta e escutar apenas suas notas, usufruir também das escolhas lexicais. Posso também perceber idiossincrasias no uso dos advérbios. E o melhor de tudo: posso me deliciar na observação da construção do narrador, dos personagens e das cenas. A batuta ainda está suspensa antes do último movimento... Agora. A plateia levanta e vibra.

É fácil tecer uma analogia entre o músico Assis Brasil e o escritor e imaginá-lo compondo aquilo que o leitor, como um dos instrumentistas, vai executar. Julius, o protagonista, é violoncelista, e assim somos brindados com um tanto do repertório especializado do

autor para essa figuração. A fábula tem sua tensão em torno do desejo e da dificuldade que sente o protagonista em executar o concerto para violoncelo de Dvorák. Da mesma forma, essa não realização se associa a outra, de cunho ainda mais emocional. Sim, é uma história de amor, um amor que se reconstrói revisitado pela memória, enquanto ela encontra as notas perdidas no tempo. Também é uma história de viajante, cujo destino entrelaça o presente banhado pelo sol do inverno e o passado de uma sombra alongando-se sobre a neve, um Ré grave, e “o movimento das flores coloridas de uma echarpe” a chamar para a vida.

Dvorák compôs nove sinfonias, esta tem dez, mas a décima é a única com título – “O Concerto”, o que parece sugerir que é o momento de execução das anteriores, talvez apenas movimentos de uma única, entre allegros, adágios e scherzos. O leitor é apenas um dos integrantes da orquestra. Com o livro nas mãos, cá estou eu também nesta tarde de domingo, “como os personagens dos romances”, cumprindo minha história no mundo, mas não é em 2001 que eu penso.

* Doutora em Letras.
Professora da UNISC



